

A bicicleta do meio

Texto original de Manuel Batista

Personagens

Tia Aninhas — por volta dos 60/65 anos. A mãe que conta a sua história a um estranho, que ela nem sonha ser seu filho. Num primeiro momento, contadora de histórias animada, com nuances emocionais. Num segundo momento, quando deixar de ser narradora e passar o ser ouvinte da história que ela mesma conhece, fortes convulsões anímicas, chorosa, impotente e enérgica.

Brasileiro: com cerca de 40 anos. Com aspecto saudável e vestido de branco. Emocionalmente à beira do choro, à medida que vai confirmando a história que o trouxe a este local: a sua. Impotente para se declarar à sua mãe, acaba por fugir para não ser denunciado.

Maria Catruca: com cerca de 40 anos. Típica figura aldeã, muito «acabada» para a idade. A sinceridade misturada com pena assermonada. Tira da boca o que o coração lhe diz para tirar. Será ela a contar a história da senhora Aninhas sem saber que lhe estava a revelar o segredo da sua própria vida.

António Catalão e Manuel Picanço: também por volta dos 40/45 anos, vestidos com calças de flanela e camisa de popelina, ar seco e barba meio por fazer. Vivem os dois com a Maria Catruca.

Um garoto.

PRIMEIRO ACTO

(Depois de almoço. À porta de casa, uma senhora, na casa dos 60, magra, de lenço atado na cabeça, saia escura comprida e rodada, coberta por um avental [...] depois de estender uma roupita, pega num alguidar com uma batatas e uma faca lá dentro, pousando-o num banco à porta de casa.)

CENA 1

(A tia Aninhas está meio de lado, meio de costas, quando aparece em cena, devagar, um garoto acompanhado de um senhor, na casa dos 40, com bom porte, chapéu branco na cabeça, vestimentas claras [...])

GAROTO — Olhe, já chigámos. É aqui *(e avançando até à tia Aninhas, acrescenta)* Tia Aninhas, está aqui um homem que diz que quer falar com a senhora.

ANINHAS *(virando-se, um pouco assustada por não contar com visitas)* — Que é que foi, garoto? *(dando-se conta da presença de um estranho)* Ah! Olá meu senhor...

GAROTO — Está aqui um homem que diz que quer falar com a senhora.

BRASILEIRO *(ao chegar junto da senhora, tira o chapéu e saúda)* — Boas tardes, minha senhora.

(mas ela não se apercebe logo e fica sem palavras. O senhor vira-se para o garoto, dá-lhe uma moeda e agradece)

BRASILEIRO — Muito obrigado, tá?

GAROTO *(olhando para o dinheiro, despede-se, e sai correndo enquanto diz todo satisfeito)* — Então até logo e muito obrigado.

CENA 2

(o brasileiro guarda o resto do dinheiro no bolso, vira-se para a senhora e volta a cumprimentá-la)

BRASILEIRO — Desculpe, minha senhora... boa tarde.

(surpreendida, ela limpa as mãos ao avental e estende a direita para cumprimentar o recém-chegado. Ele retém-lha por uns largos instantes, apertando-a suavemente. A senhora fez força para se libertar)

ANINHAS — Boa tarde, meu senhor, venha com Deus!

BRASILEIRO — A senhora desculpe o meu atrevimento... mas o menino me disse que a viu aqui muitas vezes...

ANINHAS — *(resmungando)* Não admira que me tenha visto aqui muitas vezes... *(e curiosa, ergueu a voz)* Eu é que nunca reparei no senhor. *(volta ao tom normal)* Estou aqui quase todas as tardes. De manhã, na minha hortinha, ali ao pé das poldras, de tarde, aqui, a ver passar a gente e a dar dois dedos de conversa.

BRASILEIRO — Me disseram que se chama Ana... Aninhas...

ANINHAS — Eu sou a tia Aninhas para pequenos e grandes e conheço toda a gente da aldeia e mesmo muita dos arredores.

BRASILEIRO — Ai é? Conhece todos?

ANINHAS — Nascidos aqui nem me lembro de nenhum com menos de 40 anos que eu não tenha ajudado a vir ao mundo. Só saí daqui perto de deis anos, quando ainda era rapariga. Passei-os em Leça, perto do Porto, não sei se conhece...

BRASILEIRO — Sim, sim, conheço muito bem Leça da Palmeira.

ANINHAS — Ah sim? Peis foi aí. Naquele tempo era uma terra pequena, mas com grandes casarios de gente fidalga! Mas onde isso vai... Eu nem gosto de falar, que me dá uma grande tristeza.

BRASILEIRO — Ficou triste por ter voltado para a aldeia?

ANINHAS — Não, não é por ter tornado p'rá qui. Naci aqui e é aqui que me sinto bem e se Deus quijer aqui quero ser enterrada...

BRASILEIRO — Não foi por ter voltado para aqui que ficou triste? Então porquê? Gostava de saber porquê...

ANINHAS — Gostava de saber porquê? (*cruza as mãos à frente do peito*) Não é que eu tenha vergonha de contar (*abana afirmativamente a cabeça*). Já tive... e calei tudo. Agora não. Mas é que eu jurei que nunca dizeria nada a ninguém e nunca dixei... até que um dia de confesso, não há muito, pré curei ao senhor padre se podia falar nisso.

(*faz uma pausa e um gesto de desconsolo com a cabeça; levanta a mão a significar um gesto de inutilidade e continua, como se falasse sozinha*)

ANINHAS — Se calhar até já morreram todos lá prò Brasil... (*baixa o tom de voz como se fosse fazer uma confidência*). E olhe, o senhor padre parece que adivinhou o peso que eu trazia na alma por não poder dizer nada.

BRASILEIRO — E ele que lhe disse?

ANINHAS — Ele dixei-me que era um grande pecado o que eu fiz, mas que a misericórdia de Deus era muito maior e que Ele me perdoaria. Que podia... e até devia falar disso. Era uma forma de penitência (*acenando afirmativamente com a cabeça*). Santo homem, o padre Leandro, que Deus tenha!

BRASILEIRO — Um grande pecado, é? E nunca mais falou disso?

ANINHAS — Tenho falado, mas a pouca gente... Olhe, vi que não acreditavam! Lá por dentro pensavam que não era possível. Ainda por cima ele um fidalgo dono de grandes casais e prédios de casas em Leça e no Porto! E eu uma jeireira, sem leira nem beira... Por isso me calei e continuo com a minha tristeza só pra mim.

BRASILEIRO — A sua tristeza foi porque se apaixonou por um fidalgo?

ANINHAS (*encara-o de frente e com ar decidido*) — Desculpe a minha pergunta. Que interesse pode ter nessas coisas? O senhor fala brasileiro... nem deve ser destes sítios e de todo o modo se calhar também não vai acreditar...

BRASILEIRO (*tenta acalmá-la, chega-se à tia Aninhas e sorri*) — É, sou brasileiro, sim, mas me interessam muito histórias de amor...

ANINHAS — Olhe, conto-lhe outra mais engraçada, se se pode dizer..., que viver em pecado é sempre mau.

(a tia Aninhas senta-se no banco à porta de casa, pega no alguidar e na faca, faz sinal para que o brasileiro se sente também e começa a descascar uma batata. O brasileiro continua de pé)

ANINHAS — Cá na terra, quando eles chegaram e se soube, o povo caçoava... depois foram-se habituando... Cada um sabe de si e Deus de todos. Agora, quase todos os dias aqui passam e já ninguém estranha.

CENA 3

(A tia Aninhas faz uma pausa, passa a manga por baixo do nariz para se limpar e depois, olhando em frente, aponta com a faca na mão. Três pessoas passam devagar, dois homens e uma mulher, a pé, com a bicicleta pela mão)

ANINHAS — Olhe, meu senhor, falai no diabo que ele aparece... Lá vêm eles... ali na reta, está a ver?. Três bicicletas, um hôme diante, oitro detrás e a mulher no mêo. Vêm sempre assim. Viu?

BRASILEIRO — Tou vendo, mas... não são pessoas de bem?

ANINHAS — Até são muito educados... Pelo menos a mim salvam-me sempre pelo nome. Eu também os respeitei sempre. Deus é que julga.

BRASILEIRO — Mas então o que tem de mais? São apenas três pessoas de bicicleta...

ANINHAS — Assim, à primeira vista, não tem nada de mais, como diz. São três pessoas em três bicicletas. Se quijer ouvir o resto verá.

(os das bicicletas acenam para os dois e saem de cena. A tia Aninhas volta a convidar o brasileiro a sentar-se, indicando-lhe de novo o banco ali ao lado. Desta vez ele aceita e dirige-se para o banco enquanto ela fala)

CENA 4

ANINHAS — Ela pensa que o povo não sabe e diz que sim e que não, mas toda a gente sabe que ela anda com os dois.

BRASILEIRO (*senta-se do lado esquerdo dela*) — Nossa! Ela anda com os dois?

ANINHAS (*encolhendo os ombros*) — Oh! Êla encobre e Deus descobre... O filho mais novo dêla é mesmo a cara escarradinha do Catalão...

BRASILEIRO — Muito interessante... Gostaria muito de saber mais, mas estou mais interessado na sua história, se não se importa.

ANINHAS — Está curioso mas o que mais lhe interessa é a minha história? Essa agôra!

BRASILEIRO — É verdade...

ANINHAS (*após um silêncio prolongado deixa escapar um suspiro*) — Olhe que a minha história é triste e não tem interesse para os outros. Se eu me apanhasse naquele tempo, quando tudo começou...

BRASILEIRO — Mudava alguma coisa?

ANINHAS — (*com muita convicção*) Não! Não mudava nada! Eu sei que faria o mesmo e se tivesse cem vidas fazia o mesmo cem vezes.

BRASILEIRO — Isso é que é convicção!... Ou será outra coisa?

ANINHAS — Sabe, os pobres sonham mais que os ricos. Eles têm as coisas... os pobres sonham com êlas...

BRASILEIRO — E como era ele?

ANINHAS — Ele era um rapazão, muito delicado para toda a gente e até parecia do povo. Conhecia os jeireiros da casa todos (*reforçando a voz*) e eram muitos... e chamava-os pelo nome. Era muito respeitador! Olhe, às vezes ia buscar um sacho à casota e trabalhava de mangas arregaçadas ao lado dos hômes, como um obreiro!

BRASILEIRO — Bom rapaz, esse fidalgo.

ANINHAS — Quem o não conhecesse até pensava que não era um fidalgo. Toda a gente gostava muito daqueles fidalgos, mas aquele era um coração de oiro!

(virando-se bem para ele, coloca a batata e a faca na mão direita e com a esquerda agarra o brasileiro por um braço)

ANINHAS — Olhe, meu senhor, só para ter uma ideia: naquele tempo chamava-se o doutor, quem chamava, e ao mesmo tempo o senhor padre para os santos óleos. Mas ele, quando sabia que algum de nós ficava de cama era ele que ia buscar o doutor e pagava. Até os remédios. Se não havia muito trabalho eles arranjavam sempre qualquer coisa pra se fazer mas nunca despediam ninguém. Era jeira certa Verão e Inverno.

BRASILEIRO — Então as pessoas gostavam muito dele...

(largando o braço e como se não tivesse ouvido, a tia Aninhas prossegue, pondo o alguidar de lado)

ANINHAS — Não admira que a gente gostasse muito dele, mas nós... as raparigas, não era só por isso... pla frente a gente baixava os olhos e eu, nem sei porquê, ficava vermelha que nem um tomate. *(pondo a mão em concha na boca como se contasse um segredo)* Quando ele virava costas, muitos olhos de rapariga o seguiam... *(acentuando a pergunta)* E quando vinha fardado de aviador!? Sim, que ele era dos grandes da tropa... Mas, lá estou eu a dizer o que não devo.

(afasta-se um pouco do brasileiro, volta a pegar no alguidar e numa batata e começa a descascá-la; o brasileiro fica em silêncio à espera, de braços pousados nos joelhos, as mãos juntas à frente e os dedos entrelaçados. A tia Aninhas muda de assunto)

ANINHAS — Olhe, senhor, voltando às bicicletas...

BRASILEIRO *(levanta-se um pouco contrariado, mete as mãos nos bolsos e interrompe-a)* — Deixe as bicicletas para lá... Não quer contar-me da senhora?

ANINHAS — Não, a minha história não tem graça. Vai ver que esta é mais interessante.

BRASILEIRO — *(conformado, senta-se de novo, tira o chapéu da cabeça e coloca-o no chão)* Você acha? Então está bem...

ANINHAS — Como estava a dizer, voltando às bicicletas, é a do meio que tem mais interesse, mas não se pode separar das da borda. Sabe o senhor que o de trás saiu da cadeia há uns deis anos mais ou menos.

BRASILEIRO — E quanto anos esteve lá dentro?

ANINHAS — Esteve lá quatro e saiu mais cedo por bom comportamento. O nome dele é António mas toda a gente lhe chama o Catalão por ser grande e mal-amanhado. Coisas de rapaziada! O outro chama-se Manuel mas é conhecido por Picanço. Também coisas de rapazes.

BRASILEIRO — E sabe porque lhe chamam assim?

ANINHAS — Não tem nada de mais. Quando ia aos passaritos com as pescoceras dizia sempre que tinha apanhado um rosairo de picanços, passarito grado e difícil de apanhar. Foi quanto bastou!

BRASILEIRO — A gente nova é danadinha...

ANINHAS (*pára de descascar a batata, pousa a faca dentro do alguidar e fala um pouco atrapalhada*) — O senhor desculpe, estou para aqui a falar e nem lhe ofereci nada. Quer beber alguma coisa? Olhe que sou pobre, mas asseada, pode confiar...

BRASILEIRO — Não quero nada, não, muito obrigado.

ANINHAS — O senhor é que sabe, mas não se acanhe que quem perde é você. É oferecido de boa mente, veja lá...

BRASILEIRO — Ora essa, lhe juro que não quero nada, não.

ANINHAS — Veja lá... tem a certeza? Bem, atão continuo a história. Ela chama-se Maria, mas é conhecida por Maria Catruca. Coitada! Parece que tinha as suas fraquezas por homens... E foi isso que levou o Catalão para a cadeia e o Picanço entre a vida e a morte! (*encolhe os ombros e vinca bem as palavras*) É só por falar, que eu não censuro ninguém, mas quando a cabeça de uma mulher não tem juízo...

BRASILEIRO — Mas que é que ela fez de tão grave?

ANINHAS — Bom, êla fazer não fez nada, mas foi a desgraça dos dois. Fraquezas que levam à desgraça, sabe? (*benze-se*) Que ninguém cuspa prò ar...

BRASILEIRO (*rindo e concordando*) — Tem muita razão, todos temos as nossas fraquezas...

ANINHAS — Eu também tibe as minhas e olhe! paguei-as e estou a pagar...

BRASILEIRO — Não quer contar?

ANINHAS — Daqui em frente (*aponta como se demarcasse uma zona. Depois, acompanha a fala com gestos das mãos, desenhando o palacete com janelas, portas, etc.*), do outro lado da ribeira, parece que ainda estou a ver o casario. Branco e com as esquinas (*engrossando a voz*) e as bordas das portas e janelas de cantaria, tudo... janelas com sacadas... Parecia um convento! (*voltando à voz normal*) E afinal pra nada... Nunca lá moraram...

BRASILEIRO — Fizeram o palacete e nunca lá moraram?

ANINHAS — A bem dezer, nunca. O fidalgo e a fidalga iam ver os trabalhos todos os dias... O menino Francisquinho...

BRASILEIRO (*interrompendo-a bruscamente*) — O menino Francisquinho? Quem é esse menino Francisquinho?

ANINHAS (*bate com a mão no avental e abre as mãos, como se fosse evidente*) — Então não le disse? Pois era o fidalguinho amigo de todos, enfim, a minha perdição...

BRASILEIRO — Claro, onde estava com a cabeça? O fidalguinho... Mas a senhora dizia que o menino Francisquinho...

ANINHAS — O menino Francisquinho também gostava muito de passar por lá, mais no fim da tarde. Eu ia vendo de longe as obras e os obreiros diziam coisas que me faziam sonhar... (*e volta a mudar de voz, engrossando-a*) Quartos pra um regimento, casas de banho com coisas de louça para fazer as necessidades... bacias com torneira, escadarios de madeira e até um alçapão para deitar o lixo que caía num depósito... Tudo me trabalhava na cabeça como uma história de fadas.

BRASILEIRO — É normal ficar curiosa... E nunca entrou lá dentro?

ANINHAS — Olhe, um dia fui lá dentro. Já estava quase todo mobilado! Que riqueza... (*levanta o indicador direito e justifica-se*) Mas atenção. Fui lá mas porque me chamaram, que eu nunca me atreveria... Às vezes penso: foi a minha desgraça. Outras não, que Deus me perdoe. Mas que tonta! (*abanando a cabeça*) Estou sempre a perder o fio à meada...

BRASILEIRO — Por favor, não pare agora, que essa história está a tornar-se muito interessante.

ANINHAS — Não, não vale a pena. (*faz um silêncio prolongado, olhando o vazio à sua frente. Depois vira-se para o homem com decisão*) Olhe, seguindo a história das três bicicletas... Sabe, êla, a do meio, era e é casada com o da frente, o Manuel Picanço, e moravam numa terra doutro concelho, a umas três léguas daqui. Não se governavam nada mal... Casa, terras de laboira e um

rebanho de gado. *(coloca as costas da mão no canto da boca como se fosse fazer uma confidência)* Ao que dizem, êla era pouco de andar no campo. Fazia o queijo e ia vendê-lo à feira da bila, mas pouco mais fazia que a lida da casa.

BRASILEIRO — A senhora conhecia-a?

ANINHAS — Não, eu não a conhecia. É muito mais nova que eu...mas dizem que era um pedaço e foi o que a perdeu...

BRASILEIRO — Como assim?

ANINHAS *(muito admirada)* — Ora, não me diga que o senhor... Bem, sabe como é...

BRASILEIRO *(sorrindo)* — Claro que sei... Mas como foi que a senhora se perdeu?

ANINHAS *(suspirando)* — Uma mulher perdida é sempre pelas mesmas fraquezas...

BRASILEIRO *(provocador)* — Tem certeza?

ANINHAS — Eu que o diga...

BRASILEIRO *(levanta-se e vai sentar-se do outro lado; pega na faca dentro do alguidar e numa batata)* — Não quer contar? Estava dizendo que entrou lá porque a chamaram...

ANINHAS — Quando passava na estrada e ouvi o meu nome... *(faz o gesto do coração a sair pela boca)* O meu coração parece que me saía pela boca! Eu ver não vi ninguém, mas era a voz dele... *(baixando a voz, para imitar o chamamento)* «Aninhas!»... Ainda o estou a ouvir com aquele ar malandro... de olhos vivos como dois estorninhos a saltar...

BRASILEIRO *(com um sorriso)* — E que é que a senhora fez?

ANINHAS *(encolhe os ombros)* — Ora... fingi que não era nada comigo, mas o Mutilo, que ia a passar, tem-te não caias, disse-me: *(imitando de novo uma voz que fazia pouco dela)* «Aniiiiinhas!», ele não atinava com as palavras, nem com o resto, coitado, *(volta a imitar)* «Olha! Chamaram por ti da mata dos calipes»... Eu ainda disse: «Não é nada»..., mas fui ficando para trás... Foi o meu mal... por um lado. Mas por outro, ainda bem que fiquei...

(como se acordasse, abana negativamente a cabeça e levanta-se soltando um grande suspiro. Depois condenando-se)

ANINHAS — Lá estou eu a falar de mim! *(muito decidida, cruza os braços e encara o homem, que se levanta também)* Olhe senhor, vou continuar com a bicicleta do meio. Aquilo foi uma desgraça. Por causa dumas questões de gado, o Picanço ia matando o dono duma terra que o apanhou a comer-lhe o trigo com o rebanho. Palavra puxa palavra, pegaram-se e o Picanço deu-lhe uma paulada na cabeça que o ia mandando para o outro mundo. Foi por um triz que não morreu. Esteve até no Porto às portas da morte!

BRASILEIRO — E pagou por isso?

ANINHAS — O Picanço? Apanhou cinco anos de cadeia, já lhe disse, e esteve lá quatro, a umas boas léguas daqui. Para a mulher foi uma desgraça! Lá teve que se meter a tratar das terras e do gado, com um pastor. Mas ia todos os domingos de carro de aluguer ver o homem. Lá isso ninguém o pode negar!

BRASILEIRO — A senhora viu?

ANINHAS — Passava aqui nesta estrada sempre no carro do Catalão. E olhe, o lume ao pé da estôpa, sabe como é. A mulher do Catalão soube-o, fez um desaforo e fugiu com os filhos lá para a terra dela, pròs lados de Vila Real e o Catalão foi viver com o mulher do Picanço, que continuava a ir à cadeia como se nada fosse e o pobre não sabia de nada ou fingia, nunca se sabe.

BRASILEIRO — E a senhora acha isso certo?

ANINHAS — Êla fez mal, claro, mas a gente não deve atirar pedras e eu muito menos, que tenho telhados de vidro.

BRASILEIRO — A senhora telhados de vidro. Porquê?

ANINHAS *(quase irritada)* — Porquê, porquê... Então eu não lhe falei daquela voz que me chamou da mata? Não foi preciso ir muito longe, a minha paixão e o meu pouco senso encontraram-se depressa. Ele estava logo ali, detrás duma gesta grande. *(imitando novamente uma voz)* «Anda, vem ver a nossa casa nova. Está quase feita e até já tem algumas mobílias. Eu já tenho o meu quarto mobilado e durmo aqui algumas vezes».

BRASILEIRO — E a senhora foi, claro...

ANINHAS *(encolhendo os ombros)* — Eu bem dizia que não, que tinha medo se nos vissem àquela hora no ermo, mas ele pegou-me pela mão e lá fui. *(cruza as mãos no peito e depois acompanhando as palavras com gestos para*

dar amplitude à narração) Que coisa mais linda! Eu nem imaginava coisa assim. Os obreiros bem diziam, mas quem podia imaginar... Quartos e quartos, casas pra tomar banho mais capoucas, quartos para as criadas... E aquele escadario de madeira e balustros que nem os do coro da igreja da vila... E ele que me não largava a mão...

BRASILEIRO — E a senhora não tentou libertar-se, fugir, soltar a mão...

ANINHAS (*sorri e fala para o ar como se sonhasse*) — A princípio ainda fiz força para a tirar, mas depois fiquei nem sei como... parecia um sonho... que Deus me perdoe... E lá estou eu a falarotar de mim! Não posso deixar de falar nisto! (*voltando à realidade, mais enérgica*) Mas deixe lá. Vamos mas é à história das bicicletas.

BRASILEIRO — Se a senhora quiser... eu preferia ouvir a sua paixão, mas seja. Pelos vistos o Picanço, não é, estava na prisão...

ANINHAS (*olha bem de frente para o homem*) — Enquanto o Picanço esteve na cadeia tudo andava bem. Mas o pior foi quando ele saiu... Soube-o logo, claro. Dizem que o Catalão queria que êla fosse com ele para o Porto mas êla não quis. Não ia deixar as terras e a casa. Pensava que as coisas se arranjavam e podia continuar a vê-lo às escondidas. (*erguendo as mãos ao céu*) Foi o bô e o bonito! O Picanço apanhou-os e não matou os dois porque o Catalão tinha a pistola.

BRASILEIRO — Disparou a pistola?

ANINHAS (*de braços abertos significando impotência para explicar e justificar o gesto*) — Que remédio! Bem teve que se defender a êle e a êla, que ele matava-os à fouçada. Assim, foi o Picanço que levou dois tiros e ia indo para o outro mundo. Dizem que ainda tem uma bala na cabeça.

BRASILEIRO — Foi para se defender...

ANINHAS — Foi, pois. Mas, mesmo que fosse para se defender (*e alterando o som da voz como para reforçar a explicação*), que ele matava-os a ambos (*volta à voz normal*), sempre deu dois tiros no homem.

BRASILEIRO — Aí ele foi preso, o Catalão...

ANINHAS (*senta-se e acena afirmativamente com a cabeça; o brasileiro também se senta, desta vez juntinho da tia Aninhas*) — Esteve lá 3 anos. Mas a ele, a mulher não o foi ver, não. Nem ela nem os filhos. A do Picanço dizem que sim. Êla saiu de casa não se sabe pra onde. Dizem que foi com os putriqueiros, mas se calhar foi servir para onde o Catalão estava preso. Ninguém sabe... O que se sabe é que deis anos e meio depois voltou para

junto do hÔme dêla, o Picanço, que a recebeu e até parece que tudo veio ao normal. Lá iam tratando das coisas, ele com o gado e o amanho das terras e êla com os queijos e a lida da casa.

BRASILEIRO — Compuseram-se as coisas.

ANINHAS — Teve foi sorte na desgraça, isso teve... (*encolhendo os ombros e meneando a cabeça*) Mais do que eu...

BRASILEIRO — Então porquê?

ANINHAS (*quase irritada de novo, ergue a voz*) — Porquê, porquê... De mão dada e de quarto em quarto... (*volta a baixar o tom de voz*) Pobre tola que eu era! Pensava resistir, mas as forças? Toda eu tremia e olhe, senhor, que Deus nos livre de tentações.

BRASILEIRO — Mas ele já vinha com essas ideias na cabeça?

ANINHAS (*faz o gesto do dedo por baixo do olho, para o abrir*) — Claro que ele queria fazer o que fez, mas também não posso dizer que resisti muito. Saí de lá noite alta. Se quer que lhe diga, eu nem sabia onde estava... Era tudo tão complicado na minha cabeça... Naquele momento nem tinha coragem de pensar no que fiz... mas... (*faz um gesto de atirar com a mão para o ar como quem se está nas tintas para as consequências*) Que Deus me perdoe, eu por mim sentia-me feliz e às vezes, quando as outras raparigas começavam com dichotes sobre ele, eu bem tinha vontade de lhes atirar à cara o que fizemos... mas quem acreditaria? E depois era uma desonra muito grande...

BRASILEIRO — Não se voltaram a encontrar?

ANINHAS — Infelizmente não, foi só naquela altura. Por um lado antes fosse... (*com um sorriso malandro*) Ele era tão atrevido... algumas vezes mandava-me buscar coisas à arrecadação na cortinha e dizia-me que não tivesse pressa... (*como se estivesse arrepiada*) ficava toda a tremer quando ele me dizia isso com ar de troça e me dava uma palmada por trás...

BRASILEIRO — Dava-lhe pancadinhas por trás, era? Malandro, esse fidalgo...

ANINHAS (*toda sorridente e orgulhosa*) — Ele também fazia isso com outras, mas eu sabia que comigo o sentido era outro... dali a pouco lá estava ele a entrar pela porta pequena, do lado da latada, meio escondido... (*grande suspiro*) Meu Deus!...

BRASILEIRO — Amor é isso mesmo, não é?

ANINHAS — Balha-me Deus! Isso não é o que interessa!...

BRASILEIRO — Pois eu não concordo...

ANINHAS (*rindo e abanando a cabeça*) — A minha história é só tristezas... tirando as minhas maluqueiras...

BRASILEIRO — Acha maluqueira gostar de alguém?

(*a tia Aninhas levanta-se, vira costas, entra em casa e sai quase logo a seguir com um copo de água; oferece ao brasileiro que recusa com um gesto da mão*)

ANINHAS — Olhe, senhor, o Catalão saiu da cadeia e a mulher da bicicleta do meio parece que não queria vê-lo por aí abandonado.

BRASILEIRO — Não quer antes continuar com a sua história?

ANINHAS — Esqueça essas maluqueiras, já lhe disse. Falemos antes daquelas três figuras...

BRASILEIRO — O Catalão saiu da cadeia com uma mão atrás e outra à frente.

ANINHAS — Realmente tinha dado cabo de tudo por causa dêla... (*conta pelos dedos*) perdeu a mulher e os filhos, que acabaram por ir para o Porto e não queriam nada com ele, perdeu o carro de praça... (*faz um gesto circular com as mãos*) TUDO! Saiu da cadeia com uma mão atrás e outra à frente como o senhor disse.

BRASILEIRO — E como foi aceite pelo Picanço para viver com eles?

ANINHAS (*batendo no colo com a palma de uma mão na outra*) — Ora até que enfim que se interessa pela história das bicicletas... Pois dizem que êla começou a ter remorsos e às escondidas o recebia em casa, quando o homem andava por fora, e lhe dava de comer, que ele não tinha mesmo nada para se governar... o carro de praça foi à vida. Nada, não tinha nada, o pobre de Cristo... e tudo por falta de juízo...

BRASILEIRO — Mas como é que o Picanço aceitou o outro em casa?

ANINHAS — Bem. A verdade é que, ao que dizem, a Catruca acabou por pôr o Picanço contra a parede. Ou ele aceitava o Catalão em casa ou êla ia pra Lisboa e deixava-o só com a lida da casa. Estava farta de ver o pobre como um cigano sem uma telha e eles tinham bem que lhe dar a fazer...

BRASILEIRO (*olhando para o chão*) — A senhora desculpe, mas estava aqui a pensar... A senhora encontrava-se às escondidas com o fidalgo. E depois?

ANINHAS (*surpreendida, pára um momento para disfarçar a surpresa*) — Olhe que o senhor tamém é teimoso! Mas eu digo-lhe só mais isto. O cântaro tantas vezes foi à fonte que um dia lá deixou a asa... como diz o ditado.

BRASILEIRO — A senhora ficou prenha, é? E ele como reagiu?

ANINHAS — Quando lhe disse o que sentia, aquelas agonias todas, ele ficou um pouco sério, mas nem me ralhou nem nada... (*olhando para o vazio*) Parece-me que o estou a ver com aqueles olhos azuis enfeitadores... (*imita uma voz*) «Não tenhas medo rapariga... tudo se há-de arranjar... Desmancho? Deus me livre!» (*voltando à voz normal*): Foi assim mesmo! Eu pensava que ele ia arranjar alguma coisa para o meu desmancho. Mas ele disse logo que nem pensar... que fizesse por disfarçar o melhor, que ele ia arranjar solução... lá no fundo temia que ele me ralhasse mas (*abrindo os braços*) não foi culpa minha. São coisas de Deus que assim o manda e eu não era capaz de lhe resistir... Nisso pequei (*benzendo-se*), no mais não... mas que importa!

BRASILEIRO — E que solução encontraram?

ANINHAS — A solução da minha desgraça? Olhe, veio depois, pouco tempo depois... eu bem usava as saias da minha mãe rufadas na cinta (*faz o gesto com as duas mãos juntas à frente da barriga*), mas a barriga começou a crescer e ele um dia disse-me: «Prepara-te, tu e a tua mãe, vão connosco para Leça».

BRASILEIRO — Então ele a levou para Leça. E a senhora como reagiu?

ANINHAS (*volta a cruzar as mãos no regaço e verte um pouco de água*) — Fiquei sem pinta de sangue, claro! Deixar a minha terra... e que ia dizer à minha mãe? A minha vontade era fugir... mas pra onde e que fazia eu com um filho nos braços? (*baixa a cabeça, como se tivesse vergonha pelo que ia a dizer*) Inda pensei atirar-me ao poço da carba que tem um remoinho donde ninguém sai... mas ir para o inferno... não, não tive coragem. Inda lá estive, na ponta da fraga a olhar prò remoinho, mas vim embora.

BRASILEIRO — Não lhe perguntou o porquê de tal decisão?

ANINHAS — Perguntei, pois. Disse-me que a senhora, a mãe dele, teve um desgosto muito grande quando uma parede do casario abriu e tiveram de fazer outra em cruz para pegar nela senão esbarrondava-se tudo... Por acaso não se esbarrondou nada, mas a senhora não quis mudar pra lá e resolveram ir viver pra Leça. Já lá tinham outro filho casado e parece que tinha problemas com a política...

BRASILEIRO — Que tipo de problemas?

ANINHAS (*encolhe os ombros*) — Ao certo, ao certo não sei, mas dizem que era contra o Salazar...

BRASILEIRO — E a senhora foi para Leça, mesmo assim?

ANINHAS — Fui pois... Eu era lá capaz de lhe dizer que não? A minha mãe não tinha mais ninguém... já não era nada nova... e sem eles ali na terra o trabalho não ia ser muito. Nem tive que lhe dizer nada do meu desgosto, à minha mãe...

BRASILEIRO — E como correram as coisas por lá?

ANINHAS — Foi muito triste para mim e para êla!

BRASILEIRO — Como é que ela reagiu quando soube que estava grávida?

ANINHAS (*abre as mãos*) — A pobre nem saía à rua quando soube que eu ia ter um filho sem pai! Dizia que era por causa dos carros, que tinha medo de ser atrapalhada, mas eu sei que não. Tinha vergonha. Vi-a chorar muitas lágrimas... (*abana a cabeça negativamente*) Nós pobres e sem ninguém pra ganhar a vida... Pensei que morria de tristeza!

BRASILEIRO — Mas as coisas melhoraram depois, não?)

ANINHAS — Bom, Deus é grande e o menino Francisquinho sempre me sossegou. A única coisa que me exigiu é que nunca saísse à rua nem me andasse a mostrar nas sacadas da casa.

BRASILEIRO — E você aceitou isso?

ANINHAS — A mim bem me custava. Que diabo, podia ter até vergonha de mim, mas nem sequer poder ser vista!... o que vale é que a senhora do irmão, o tal que era contra o Salazar, também não saía e nem às sacadas...

BRASILEIRO — E vocês não se davam?

ANINHAS — Falávamos uma com a outra. A minha mãe não. Tinha vergonha, coitada. Sempre eram da fidalguia e os pobres são sempre pobres até no falar...

BRASILEIRO — Não é bem assim, minha senhora (*cala-se um momento para não se denunciar*)... Mas como perdeu o seu filho?

ANINHAS — Olhe, um dia, já não podia esconder mais a barriga, ele disse-me que queria falar comigo. Tinha um ar tão sério que eu tive medo. Pensei que me ia dizer para ir pra a terra pra ter a criança. Mas não.

BRASILEIRO — Então?

ANINHAS — Disse-me que como o nascimento não tardava e perguntou-me se eu tinha pensado no futuro da criança. Fiquei sem saber o que responder. Futuro... Que futuro? Só se o dos pobres! Ganhar a jeira ou servir como criado, se arranjasse patrão. Os senhores fidalgos já tinham sido muito bons em fazer caso de mim e de minha mãe durante aquele tempo. Foi então que ele me disse que o irmão e a mulher estavam dispostos a purfilhá-lo.

BRASILEIRO (*estremecendo, agarra o braço da tia Aninhas*) — E como a convenceu a aceitar isso?

ANINHAS — Ora, eles eram bastante mais velhos e êla não podia ter filhos... e assim o futuro do nosso filho estava garantido...

BRASILEIRO (*com a voz um pouco tremida*) — Isso era razão suficiente para perder um filho?

ANINHAS (*para se justificar, olha para o braço do brasileiro que segurava firmemente o seu e fez como se nada fosse*) — O senhor Francisquinho também lhe daria o nome, quer dizer, registava-o como pai, mas o problema é que era solteiro e como andava de avião não queria que o filho ficasse sem pai. Tudo pode acontecer a quem anda no ar... Por outro lado, bebé estava em casa com a mãe e eu sempre o veria crescer e amar como mãe que era. Esse lugar ninguém mo roubava.

BRASILEIRO (*com a voz emocionada*) — E a senhora aceitou, naturalmente...

ANINHAS (*quase ofendida e à beira das lágrimas, fala devagar com um misto de dor e tristeza*) — Naturalmente... não, mas foi assim. Eu não podia criá-lo fora da pobreza e ele assim tinha o futuro garantido. Eu seria sempre a mãe e a senhora só queria que lhe chamasse madrinha... Fiquei agradecida, claro...

BRASILEIRO — E quando a criança nasceu?

ANINHAS (*animando-se de novo*) — Quando ele nasceu fui tratada como uma pessoa da família e a senhora saía muitas vezes comigo e com o bebé... um menino lindo como o sol... tinha um carrinho, que era como um berço, pra sair à rua.

BRASILEIRO (comovido e sem lhe largar o braço) — E você o amamentou?

ANINHAS (*muito triste*) — Eu dei-lhe o peito, mas foi por pouco tempo... andava tão atarantada que o leite (*aperta o seio e liberta o braço que estivera agarrado*) se foi secando e se não fosse uma senhora que tinha perdido um filho quase ao nacer nem sei se ele podia vingar...

BRASILEIRO — Foram buscar uma ama?

ANINHAS — Foi. Trouxeram-na pra casa e êla começou a dar-lhe o seio tamém... Foi Deus... Secou-se-me o leite de todo logo a seguir...

BRASILEIRO (*passando a mão pelo ombro da tia Aninhas, à volta do pescoço*) — Mas não houve problemas com a criança, houve?

ANINHAS — Graças a deus, não. Ela era boa criadeira. O menino crescia cada vez mais lindo... (*dá-se conta do braço do homem; olha para ele, levanta-se de chofre e pergunta*) Olhe, já começa a ficar tarde e está-me a dar a fome. Tem a certeza que não quer nada?

BRASILEIRO (*levanta-se também*) — Não se incomode, estou bem, obrigado. A senhora esteja à vontade.

ANINHAS — Então se me dá licença... volto já.

(*A tia Aninhas sai de cena. O brasileiro limpa os olhos húmidos. Passam breves instantes e a tia Aninhas aparece com pão e queijo numa mão. Na outra traz um copo de vinho*)

CENA 5

ANINHAS (*oferece o copo de vinho e senta-se*) — Vá, tem que aceitar. Se me diz que não, até me faz uma desfeita.

BRASILEIRO (ele aceita e senta-se também) — Já que insiste... Mas diga-me: parece que as coisas se compuseram para todos, lá em Leça.

ANINHAS (*corta o queijo com a faca de descascar batatas e come, o olhar meio perdido no horizonte*) — Não durou muito não... esta vida durou pouco. Um dia ele vem ter comigo muito sério e eu vi logo que havia desgraça... disse-me que ele ficava mais a mãe e uma criada e nós tamém, mas o irmão e a senhora tinham de partir por uns tempos pra casa de uns amigos fidalgos pois a polícia secreta do Salazar andava à procura do irmão. Se não saíssem

dali, mais dia, menos dia, iam dar com ele e nunca mais o viam. A mãe dele andava numa aflição e a senhora dele na mesma. Que era por um mês ou deis e depois voltavam. Ia tamém a ama que dava de mamar ao nosso filho e claro o menino tamém tinha que ir. Mas eram só umas semanas... (*com voz emocionada, à beira das lágrimas*) a ele tamém lhe custava... e lá foram... nunca mais os vi... (*segura o pão e o queijo na mão esquerda, tira um lenço de pano da manga esquerda e funga o nariz*).

BRASILEIRO (*tosse um pouco para disfarçar a emoção e pergunta*) — E vocês, que foi feito de vocês, da senhora e de sua mãe?

ANINHAS (*com ar entristecido e encolhendo os ombros*) — O senhor Francisquinho e a mãe dele voltaram prà aldeia e nós tamém... para o trabalho, para a jeira no casal...

BRASILEIRO — E cá na terra sabiam da senhora?

ANINHAS (*respondendo de imediato, para que não houvesse dúvidas*) — Não, ninguém sabia de nada... pensavam que fui com eles como criada...

BRASILEIRO — E não voltou a encontrar-se com o fidalgo?

ANINHAS — Eu às vezes bem me custava, mas evitava-o, não fosse acontecer o mesmo... eu sabia que se ele quisesse eu não tinha forças para lhe resistir...

BRASILEIRO — Mas ele foi-se daqui, não foi?

ANINHAS — É verdade... um dia vieram uns polícias paisanos que andaram a fazer perguntas a toda a gente e a mim tamém... se sabíamos onde estava o irmão do Francisquinho... Que não, claro... quem éramos nós pra saber... Depois sabe como é quando as coisas começam a correr prò torto nunca mais se endireitam... pouco depois da vinda dos polícias paisanos à aldeia ele e a mãe partiram...

BRASILEIRO — Deu-lhe alguma explicação?

ANINHAS — Disse-me que iam ver como as coisas estavam em Leça, mas que por causa da polícia o irmão tinha de continuar escondido e nem ele sabia onde, pois teve que mudar de sítio e era mesmo melhor que ele tamém nada dissesse sobre isso, nem do menino nem nada. (*abana a cabeça em sinal de desaprovação*) Era uma polícia muito má, batia e fazia sumir as pessoas! E a paisana do Salazar? Matavam as pessoas e davam-nas a comer aos bichos do monte onde ninguém podia ir... tudo cercado por arame lá para as bandas de Lisboa...

BRASILEIRO — Não me diga!

ANINHAS (*entusiasmada*) — Era... outras vezes iam pelo mar abaixo... abriam um alçapão na cela da cadeia que ficava no meio do mar com água por todos os lados e as baleias davam cabo deles... Que gente!... olhe que me disse que se o apanhassem nem a ama e o menino escapavam... desapareciam todos... (*agarra com uma mão o braço do brasileiro que segurava o copo; o brasileiro cobriu a mão da tia Aninhas com a sua em sinal de afecto*) Tive tanto medo!... Olhe, a minha mãe teve um ataque e ficou entrevada. Quanto chorámos! Deus lá a levou pouco tempo depois... Daí nunca mais gostei do Salazar!

BRASILEIRO — E os fidalgos acabaram por ir embora?

ANINHAS (*muito triste*) — É. Foram embora ele e a mãe e também nunca mais os vi...

BRASILEIRO (*após um instante de silêncio, olha para a tia Aninhas e baixa os olhos*) — Mas eles, os fidalgos, voltaram aqui, sabia?

ANINHAS (*também triste e distante*) — Não, não sabia... só o soube há bem pouco tempo... foi com o 25 de Abril... eu nem queria acreditar mas disseram-me que o irmão dele esteve aqui há uns tempos.. que veio ver isto... como o Salazar já tinha morrido e o outro também já não mandava, os paisanos não o podiam prender... (*como se despertasse*) Mas como é que o senhor soube?

BRASILEIRO (*como se a não tivesse ouvido e muito vago*) — Então não o viu?!...

ANINHAS — Não o vi nem sabia que vinha... ele há por aí tanto reboliço desde que houve aquela rebirabirabolta na política e os militares deram cabo do governo que eu quando vejo muita confusão (*benze-se*) até fico em casa... muitos problemas já eu tenho...

BRASILEIRO — A senhora teve falta de dinheiro?

ANINHAS (*mete um pedaço de queijo à boca*) — Graças a Deus, não... enquanto eles tiveram o casal sempre tive trabalho e se não pudesse ir trabalhar nunca o feitor deixava de me pagar a jeira como se trabalhasse. Lá isso não... ele ainda me disse que eu tinha uma boa madrinha... o administrador que estava no Porto tinha ordens para que não me fosse cortada a jeira... que mesmo que eu não trabalhasse a jeira estava certa... (*vira-se para ele e toca-lhe no ombro*) Olhe que eu continuava a receber a minha jeira mesmo depois de o casal ter sido vendido... foi há uns 20 anos... e estou reformada como trabalhadora do campo... é o que me vale... (*aponta em redor*)

e mostra o campo e a casa) A casinha, que pertencia ao casal, nunca me foi tirada... não é grande coisa, mas para mim chega e a horta também... Toda a gente foi boa pra mim... Numa altura há uns 10 anos o novo dono mandou dizer que não precisava de ir trabalhar mais... fiquei aflita, mas no fim da semana o feitor chamava-me e dava-me a jeira e que quando se me acabasse o azeite era só dizer... A casa e a horta ficava com êlas pra sempre! Graças a Deus... gente boa como há pouca...

BRASILEIRO — E o seu filho? Teve alguma notícia do seu filho?

(a tia Aninhas pousa o resto do pão, volta a tirar o lenço da manga esquerda e funga o nariz, passando depois o lenço pelos olhos. Volta a metê-lo na manga, fala pausada e vai-se emocionando à medida que fala)

ANINHAS — Do meu filho nunca mais soube nada. Deve estar lá prò o Brasil, que o coração diz-me que ainda vive... *(de voz embargada)* Tenho rezado tanto para que esteja bem e tenho sempre azeite a arder num copo aos pés de uma Nossa Senhora dos Aflitos... *(com a mão em concha na boca)* Já me disseram que podia chegar fogo à casinha... Mas não há perigo... O copo é bem largo e está sobre uma conversadeira de pedra... quando está a murchar acendo a candeia do azeite e trato de tudo... faço a trocida e acrecento azeite no copo... se eu morrer apaga-se sem chegar fogo a nada...

BRASILEIRO *(olhos húmidos de água)* — A sua reforma é grande?

ANINHAS — Não é muita, mas... se ma não tirarem... pra mim deve dar... *(nota que o brasileiro quase chorava)* O senhor está-se a sentir bem? Precisa de alguma coisa?

BRASILEIRO *(disfarçando, desconversa)* — Não é nada, não...É que as coisas não andam lá muito bem...

ANINHAS — *(assinando com a cabeça, perdeu a emoção)* É o que dizem alguns. Que isto está muito mau... os quemunistas querem tomar conta de tudo... não há-de ser tanto assim... pior que o Salazar não devem ser... que ele a mim nunca me fez mal, mas foi por causa dos paisanos dele que perdi o meu filho e o pai dele de vista ... lá isso foi...

BRASILEIRO — Então vive com medo?

ANINHAS — Não tenho medo... sim há uns tempos passaram por aqui uns tropas barbudos e pararam aqui mesmo... o povo juntou-se e eles começaram a falar... a dizer mal dos donos das terras, que eram dos trabalhadores... Eu fiquei com medo mas o casal já nem era dos fidalgos... esses parece que já

desandaram e os quemunistas nem aparecem por aqui... dizem que já cá estiveram... não acredito muito...

BRASILEIRO (*mostrando curiosidade*) — E estava aqui quando andaram por aqui uns rapazes a querer ensinar as pessoas?

ANINHAS — Eu estava, mas esses não deviam ser quemunistas... Chegaram aqui e alguém disse que eram quemunistas... o povo começou a juntar-se... podia dar prò torto, que eles eram só uma meia dúzia e nem tinham a barba grande. Eram uns rapazotes e uns senhores mais velhos...

BRASILEIRO — E que fizeram?

ANINHAS — Não fizeram nada de especial... Quando o povo começou a juntar-se perguntaram por um rapazinho daqui... muito considerado que até dizem que faz parte do governo... É verdade, e logo desta terra que nem escola tinha no tempo dele ... Eu não sei ao certo o que ele faz, mas houve mesmo quem o visse na televisão a falar...

BRASILEIRO — E só perguntaram por esse rapaz?

ANINHAS — Foi... os outros disseram que o conheciam e um deles até disse que andou nos padres com ele... lá falaram e foram-se embora... mas não disseram nada como os barbudos... falaram do 25 d'abril e da liberdade e que o tempo do Salazar e do medo tinha acabado... coisas assim...

BRASILEIRO — Então nunca mais houve confusões por aqui...

ANINHAS — Não, nunca mais houve nada e cá estou à espera da morte. Só gostava de não morrer sem ter notícias do meu filho... (*com a voz apagada*) já lá vão uns 40 anos sem o ver... (*depois, ganhando novamente vigor, pega num braço do brasileiro*) Olhe o senhor sabe que o casario foi destruído por um maluquito, o Água Quente?. Não foi só ele... Aquilo ficou ao abandono... os raparigos iam para lá brincar às escondidas e o maluco subia ao telhado a atirava com as telhas aos berros... aqui vai metralha... Custava-me de morte ver aquilo mas que podia eu fazer?

BRASILEIRO — Gostava que o palacete ainda estivesse de pé?

ANINHAS (*de novo ausente e sonhadora*) — Gostava... lá isso gostava... Não era aquele onde dei a minha honra, mas era uma lembrança. Quando voltei de Leça, ia passar por lá... a pensar naquela voz malandra que me perdeu... mas nunca mais a ouvi... E quem é que ia agora fazer outro casario igual? ...Já não há lá nem uma parede! O terreno até já foi vendido tantas vezes que eu nem sei de quem é... mas lá que gostava de o ver de novo nascer dessa terra gostava... Mas isso não vai acontecer...

CENA 6

(calam-se uns instantes como para saborear a pequena porta que trouxe tamanha saudade; a tia Aninhas, sacudindo as mãos e limpando-as ao avental disse apontando para a estrada, onde surgem a Maria Catruca, o Picanço e o Catalão e as suas bicicletas)

ANINHAS — Tanto falarotei de mim e da minha triste sina, que eles já foram trabalhar e já ali vêm. E êla parece que vem falar connosco... bem, com o senhor... não sei se o conhece, mas comigo é capaz...

(de repente o brasileiro entrega o copo à tia Aninhas e fica atabalhado e cheio de pressa para partir. Ao olhar para a tia Aninhas emociona-se e a voz sai-lhe presa, enquanto segura as duas mãos da tia Aninhas)

BRASILEIRO — A senhora desculpe, mas tenha que ir. Muito obrigado pelo seu tempo, adeus.

ANINHAS — Que pressa!...

BRASILEIRO — É tenho que ir. Esqueci um negócio aí...

ANINHJAS — Pois adeus senhor, e esqueça estas histórias tristes... de gente pobre. Que Deus o acompanhe.

BRASILEIRO *(chega-se a ela, pega-lhe pelos dois braços e peda, a chorar)*
— Posso lhe dar um beijo para me despedir?

ANINHAS *(brincalhona)* — Quer-me dar um beijo? E porquê? Está bem, está bem... eu dou-lhe outro... Adeus e mais uma vez que Deus o acompanhe... Está a chorar?

(e tirou outro lenço, desta vez da manga direita e ofereceu-lho; ele aceitou; o brasileiro deu-lhe um beijo e abraçou-a com força; depois saiu a correr).

SEGUNDO ACTO

CENA 1

(a Maria Catruca, com uma cesta debaixo do braço, lenço na cabeça, aproxima-se com a bicicleta pela mão. Um pouco à margem ficaram o Catalão e o Picanço, esperando apoiados nas respectivas bicicletas)

MARIA CATRUCU — Olá, tia Aninhas, boa tarde. A senhora conhece aquele home?

ANINHAS — Pois boa tarde... realmente não o conheço.

MARIA CATRUCU — Não o conhece e deu-lhe um beijo?

ANINHAS *(rindo-se muito)* — O beijo... Eu não sei o que lhe deu... Quando te viu chegar ele ficou cheio de pressa, despediu-se e préguntou se me podia dar um beijo na cara... Por que não?...

MARIA CATRUCU — Pareceu um beijo muito carinhoso...

ANINHAS — Realmente foi... foi um beijo muito carinhoso... e um abraço bem apertado. Mas ele há gente assim...

MARIA CATRUCU — Mas conhece o home?

ANINHAS — Não, nunca o vi. Eu estava aqui sentada e ele veio à minha beira a pôs-se a falar comigo. Coisas da minha vida... Às vezes é melhor desabafar com estranhos que com conhecidos...e tu sabes quem ele é?

MARIA CATRUCU — Não, mas já falei com ele. Ou melhor ele é que veio falar comigo... por acaso. *(vira-se para trás e fala para os dois homens que a esperavam)* Bem, vós dois, podeis ir andando que não vos falta que fazer. Fazei de comer que não vos caem os parentes na lama, que eu já lá vou ter... Não tenho medo... de nada *(vira-se de novo para a tia Aninhas e diz com ar maroto, não reparando que os dois homens nem se mexeram)* Agôra habituámo-nos a andar os três e ficavam ali à espera!...

ANINHAS *(curiosa)* — Mas tu, Maria, queres alguma coisa ó home que esteve aqui a falar comigo?

MARIA CATRUCUA (*com as mãos abertas para cima à sua frente, e abanando a cabeça, nega*) — Não, não lhe quero nada, mas já que falou com ele eu também estou curiosa. Sabe? É que ele contou-me umas coisas que me deixaram com a pulga trás da orelha...

ANINHAS — Ele é daqui?

MARIA CATRUCUA — Ele daqui não é, mas sabe muitas coisas desta terra... do casario... e teve uma vida muito triste. Bem... triste, triste, não, que ele deve ser rico... Fala brasileiro, mas é português e nasceu em Portugal lá para os lados do Porto.

ANINHAS (*curiosa, mas distraída*) — Será filho de emigrantes, de certeza...

MARIA CATRUCUA (*desdenhosa, conhecedora e mas segura de si*) — Não sei se é filho de emigrantes ou não. Dantes ia muita gente para o Brasil que não era emigrante. Alguns eram bem ricos. Metiam-se na política e o Salazar, que não gostava dessa gente, dava-lhes uma corrida. Já ouvi falar em muita gente. Olhe até agora, no 25 de Abril, veio muita gente grada que andava fugida para fora... Não se lembra do chefe dos comunistas que fugiu para a Rússia e agora anda por aí a dizer que vai tirar as terras aos proprietários para as dar aos jeireiros? É assim...

ANINHAS — Deixa lá a política e conta lá o que é que lhe disseste ao brasileiro...

MARIA CATRUCUA — Está bem. Já que ele queria saber coisas da gente da terra eu lá lhe disse o pouco que sabia. Eu vou-lhe contar. (*senta-se no banco e pousa a cesta. A seu lado senta-se a tia Aninhas, os braços cruzados sobre o regaço*) A bem dizer, eu nem acredito muito na história que ele me contou, mas ele disse-me que anda à procura da família em Portugal... gostava de saber que é feito deles, mormente da mãe que já deve ter aí uns 60 e tal. E, sabe, eu perguntei-lhe se ele tinha a mãe aqui e ele disse-me que sim que a mãe que o criou no Brasil não era a verdadeira. (*faz uma pausa*) Que era só no papel... no registo... imagine! É estranho não é?

ANINHAS (*o que ouviu desperta-lhe a atenção*) — E depois, rapariga, e depois?

MARIA CATRUCUA — Olhe, eu ouvi-o e respondi ao que ele me disse e como ele queria falar com uma pessoa de cá que conhecesse isto há mais anos eu até me lembrei da tia Aninhas... Como está quase sempre sentada à beira da estrada e nunca saiu da terra deve saber muita coisa... Mandeí cá o meu garoto mais piqueno mostrar-lhe o caminho. Não sei se ele lhe falou nisso.

ANINHAS (*pensativa*) — Não, não me disse nada...

MARIA CATRUCUA (*jovial*) — Ah não? Pois vou-lhe contar o que ele me contou. Mas a senhora não se ria, que a história não dá para rir. Então olhe: diz ele que a mãe dele no Brasil morreu há uns meses e, antes de morrer, a pobre chamou-o e disse-lhe que lhe queria confessar-lhe uma coisa muito importante que ele nem sabia nem imaginava... Eu imagino a cara dele... (*entusiasmada*) A mãe só lhe contou porque estava às portas da morte, a coitada. (*meneando a cabeça*) Eu não sei se lho dizia... já agora que guardaram segredo esse tempo todo podia ficar calada... mas ela é que sabia.

ANINHAS (*com a voz um pouco trémula*) — Isso não é muito grave...

MARIA CATRUCUA (*severa e condenando a atitude da mãe*) — Grave, grave não é, mas ele deve ter ficado sem pinta de sangue, o coitado. Ninguém gosta de saber que a mãe de uma pessoa não é a verdadeira mãe... (*toca na tia Aninhas e pisca-lhe o olho, acentuando a frase*) Olhe que os ricos também têm cada problema que um pobre nem imagina... terem filhos sem serem deles! Bem basta os que Deus nos dá quanto mais registrar os dos outros...

ANINHAS (*com a voz tremida, parecia adivinhar o resto*) — Mas quem lhe disse a ele que não era filho dela?

MARIA CATRUCUA — Foi a brasileira, a que era mãe sem ser! Disse-lhe que ele não era filho dela nem do pai dele, mas que era filho duma outra pessoa e do tio dele, que ainda é vivo mas já velhote...

ANINHAS (*escorrega do banco, mas recompõe-se depressa*) — Mas já nasceu no Brasil?

MARIA CATRUCUA — Não, mulher. Nasceram todos em Portugal e foram para o Brasil há muito tempo... Então, como não podiam ter filhos, a mãe dele no papel combinou com o tio e com o marido mais a avó em registar uma criança como se fosse deles... eles lá arranjam maneira. A verdade é que ele no papel tem pais que não são os verdadeiros...

ANINHAS (*começa a tremer e agarra-se à Maria*) — E como reagiu o filho?

MARIA CATRUCUA (*rindo da atitude da tia Aninhas*) — Ó mulher, que me arrebenta o braço. Bem, ele diz que ficou muito triste e se a mãe não estivesse muito doente que ia discutir com ela, mas assim disse-lhe que lhe perdoava já que tudo fizerem para bem dele... (*com ar mais sério*) Parece que êla morreu quase logo... mas ele quis saber tudo e foi ter com o tio, que o tratava como filho, até melhor que o pai e disse-lhe o que a mãe lhe confessara... No princípio o tio ainda deitou a coisa para a doença da mãe, mas ele insistiu e

até disse que não o enganasse... que ele ainda acreditaria se fosse parecido com um ou com outro, mas toda a gente dizia que tinha mais traços do tio que do pai ou da mãe...

ANINHAS (*com muita dificuldade em falar, agarra-se com força à Maria e consegue articular*) — Isso acontece, às vezes...

MARIA CATRUCU — Claro que isso acontece... Às vezes até com estranhos... Veja o meu Arnaldo que não se parece nada com o pai... mas a parecença lá deve vir de alguém da família dele que a gente não conhece ou já morreu.

ANINHAS (*impaciente*) — Vá rapariga, conta lá do brasileiro...

MARIA CATRUCU — Bem, o tio acabou por ceder... e confessou que o seu falecido pai não era pai mas tio e o tio, que era ele, é que era o pai... Uma confusão de gente rica que regista os filhos às avessas... quem tem dinheiro faz o que quer é o que é... Ele não desistiu de saber a verdade e o tio, que afinal era o pai dele mas sem ele saber, contou-lhe como tudo se passou. O tio, um tal que se chamava Francisco de Vasconcelos e familiarmente todos chamavam menino Francisquinho mesmo em velho, pois nunca se casara, acabou por despejar o saco, como se diz.

(*a tia Aninhas puxa as mangas da camisola, tapa a cara e começa a tremer e a chorar em silêncio. Indiferente e animada, a Catruca continua*)

MARIA CATRUCU — O menino Francisquinho, sabe-se lá porquê, segredos do coração que eu bem o sei, morria de amores por uma jeireira lá da casa. Parece que era uma moça linda e pacata que nem se atrevia a olhá-lo de frente, corada que nem uma romã se ele lhe dizia alguma coisa. Não tendo coragem para dizer o que lhe ia por dentro, nem à família nem à rapariga, era um escândalo, claro, como sabia que ela costumava vir dos lados do rio à tardinha e passava junto ao casario que andavam a construir, resolveu esperá-la escondido. Ela passava, mas quase sempre com alguém que a acompanhava à mesma hora, rapazes a raparigas, até que um belo dia, vinha ela só e um maluquito da terra, aleijado da cabeça e das pernas, de quem ninguém faria caso se visse alguma coisa.

(*a tia Aninhas levanta-se e põe-se de costas para a Maria Catruca; tira o lenço da manga-a esquerda e coloca-o no nariz*)

MARIA CATRUCU — Chamou-a e ela, a medo, lá se deixou levar pela mão, para ver a casa quase pronta, dizia ele. Mas o que ele queria era mais do que isso. Temia que ela, moça casadoira e uma estampa de mulher, acabasse por arranjar um namoro e lá se ia para os braços de outro. Meteu então na cabeça

que se a possuísse primeiro ela nunca mais pensaria nisso e ele viveria o seu amor e o dela, estava seguro, às escondidas. E assim foi. A pobre não resistiu aos avanços dele e entregou-se e parece que não foi nada contrariada por dentro que o coração nestas coisas é que manda. Eu que o diga...

(a tia Aninhas chora e treme em silêncio. A Maria Catruca, de olhos no horizonte, embalada pelo relato da situação continua)

MARIA CATRUCAL — Olhe, parece que a rapariga estava louca por ele e ele por ela, lá se foram encontrando *(abre os braços)* até que o que tinha de acontecer aconteceu. Ela ficou de bebé e por causa de politiquices, ao que parece, mas se calhar já era marosca para encobrir o escândalo da rapariga de barriga, foram para a beira do Porto onde também tinham casas e um casario. Ali nasceu o raparigo da jeireira e toca de o registarem em nome de um irmão e da mulher dele, que não podia ter filhos. A mulher e a rapariga do menino, para que não desconfiassem, não saíam à rua até que a criança nasceu.

Dali por diante lá entre os deles, diziam que a senhora teve um menino, este tinha uma ama e algum tempo depois, lá por causa de o irmão ser contra o Salazar, foram com o menino para casa de uns amigos e depois para o Brasil. O verdadeiro pai ainda ficou uns tempos por cá, mas finalmente acabou por ir também. Nunca mais viu a rapariga que amava e continuou a amar, mas ia-se informando da vida dela aqui.

Bem queria cá vir, mas o medo de ser também perseguido pela polícia secreta do Salazar e para não se afastar daquele que em vez de sobrinho era seu verdadeiro filho, foi ficando por lá. Mas ela não foi abandonada. Sempre teve o apoio dele e fez questão que, mesmo depois de terem vendido tudo aqui, ela não ficasse sem meios de vida. *(faz uma pausa e olha o chão)* Olhe, agora, o pobre, anda à procura da mãe verdadeira. O pai verdadeiro, depois de lhe contar tudo, pediu-lhe perdão e que tentasse compreender. Quando ele lhe disse que vinha a Portugal saber da sua mãe, ele abraçou-o muito e disse-lhe «Vai, vai, meu filho, e se ainda estiver viva, traz-ma, não venhas sem ela».

(a tia Aninhas aninha-se contra a parede, banhada em lágrimas, sempre de cara tapada)

MARIA CATRUCAL — E lá anda ele à procura. Diz que já tem uma ideia, que pensa que já a viu mas ainda não lhe falou. Não lhe quer dizer as coisas assim de caras porque ela pode não aguentar mas já comprou o prédio onde estava o casario e vai mandar fazer um exactamente igual para aqui vir com o pai e ela de vez em quando. Eu fiquei banzada com uma história tão triste e tanto amor de um rico por uma mulher do campo que ele podia ter para o seu prazer. E durante tantos anos e sem se verem! É bem certo que o coração é cego, não é, tia Aninhas? Eu que o diga... *(sem esperou por resposta calou-se)*

um momento e continuou embalada) Olhe, como sabe, eu desta terra pouco conheço. Disse-lhe logo que nesses tempos eu ainda nem nascida era e nunca tinha ouvido falar nessa tão triste história. Foi por isso que o mandei ter consigo, que era daqui, tinha memória desses tempos e ainda com boa cabeça para tudo, que sabia se calhar dar algumas inculcas.

(a Maria Catruca volta a calar-se e vira-se para a tia Aninhas, mas não se apercebe que ela está banhada em lágrimas, de lenço na mão, a soluçar)

MARIA CATRUCAL — Então e a tia Aninhas ajudou-o nalguma coisa, não, coitado do homem? *(dando-se finalmente conta de que ela está a chorar, levanta-se de chofre e vai ter com ela)* Então, que tem mulher? Porque chora tanto? Que foi que lhe deu? Ai que ainda lhe dá uma coisa! O caso é triste, que eu também fiquei comovida, mas a senhora! Ó tia Aninhas, diga qualquer coisa, mulher, que me aflijo!

ANINHAS *(com uma voz roufenha e embargada, grita)* — Ai o meu querido filho! Obrigado meu deus! Era o meu querido filho! *(e desata a correr, saindo de cena)*

MARIA CATRUCAL *(não percebendo, leva as mãos à cabeça, aflita)* — Ai meu Deus, que a mulher tresloucou! Tia Aninhas!... Ó tia Aninhas! Ai Jesus do Céu que ela perdeu o juízo! Venha cá! Ai que ela perdeu o tino!... Ali vai estrada fora por onde o brasileiro partiu. Olha que ele há cada uma. Por que raio lhe havia eu de contar esta tristeza?... *(retomando o sangue-frio)* Bem ela lá há-de voltar. Até pode ser que ele esteja para aí a falar com alguém.

CENA 2

(A Maria Catruca vira-se para os 2 homens e chama-os. Eles vêm com as bicicletas. Juntam-se em cena a Maria Catruca, o Manuel Picanço e o António Catalão)

MARIA CATRUCAL *(apontando o dedo)* — Olhem lá os dois. Sabem o que me aconteceu? Lembram-se daquela conversa com o brasileiro que anda à procura da mãe e estava a falar com a tia Aninhas quando vínhamos dos Campasois? Olha, contei-lhe o que ele me disse e não é que ela desatou a chorar como uma Madalena, desastinou 55 estrada fora a clamar ai o meu querido filho, obrigado meu Deus! A pobre, ela que nunca se casou nem teve filhos...

CATALÃO (confirmando a história) — É, nós sabemos e já todo o povo sabe. O Chico da Mota passou por aqui todo alterado, a dizer que iam construir outro casario e com artistas da terra. O ti Serrincha que andou nas obras do outro até lhe rebentaram as lágrimas. Disse que o brasileiro está no café e que a tia Aninhas passou a correr como uma doida, aos gritos de meu querido filho... meu querido filho.

MARIA CATRUCÁ — Ora! E estou eu aqui nesta aflição para vos contar e vós já sabieis mais do que eu...

PICANÇO — Foi por isto que demoraste duas boas horas outro dia? Vamos mas é embora para casa se não nem às oito comemos...

MARIA CATRUCÁ — Atão, ide bôs a fazê-lo que não vos caem os parentes na lama, que eu vou a ver o que aconteceu à mulher...

CENA 3

(Mudança de cena. Em frente do café, o brasileiro está sentado numa cadeira. Ao ouvir os gritos da tia Aninhas levanta-se. Ela chega junto dele e salta-lhe para cima. Ficam abraçados a chorar)

ANINHAS — Meu querido filho! Meu querido filho!

BRASILEIRO — Mãe, minha querida mãe!

(Ficam abraçados, chorando os dois. Com mãe e filho abraçados, um ponto remata a história)

Vai ser construído outro casario empregando artistas da terra. Ao ti Serrincha, que andou nas obras do outro, até lhe rebentaram as lágrimas. O brasileiro vai levar a mãe com ele para junto do pai no Brasil, mas hão-de voltar se Deus quiser, de tempos a tempos para o novo casario que vão construir.

Terra, 15 de Maio de 2007

Ritorto